

TECNOLOGIA E O EQUILÍBRIO DA SENSUALIDADE¹ NO AMOR E NO SEXO

TECHNOLOGY AND THE LUST BALANCE OF SEX AND LOVE

Cas Wouters, PhD¹; Viviane Carvalho Bejarano (tradução e adaptação)²

¹Utrecht University – Utrecht – Holanda c.wouters@fss.uu.nl

²Federal Technological University of Paraná – UTFPR – Ponta Grossa – Brasil vivbe@hotmail.com

Resumo

*Este artigo resume as descobertas de Cas Wouters, constantes do livro *Sex and Manners* (2004), sem tradução para o português. A obra analisa as mudanças nas maneiras e códigos de condutas pesquisadas em livros de etiquetas americanos, holandeses, ingleses e alemães; do final século XIX ao final do século XX; descrevendo mudanças no relacionamento entre homens e mulheres, principalmente nas formas de cortejo, no contexto da crescente emancipação feminina do século XX. As mudanças nos livros de etiquetas revelam o desaparecimento de velhas regras e o aparecimento de novas, documentando como as mulheres passaram da esfera privada para a vida pública, e como estas mudanças implicaram em um aumento de consciência erótica e sexual, envolvendo dois tipos de desejos: o anseio por gratificação sexual e o anseio por intimidade duradoura. A busca de equilíbrio entre estes desejos, conceitualizada como o “equilíbrio da sensualidade”, passou por extremos que foram desde o amor dessexualizado até contato sexual despersonalizado, em um processo de experimentação e erro que permeou o século XX. Estas mudanças dificilmente poderiam ser concebidas sem as inovações e implementações tecnológicas: a pílula, as mudanças nos meios de transporte, as tecnologias de comunicação (do telefone à Internet) –exerceram pressões forçando novas regras de comportamento e sentimento, forçando um afrouxamento, durante o século XX, das formas estritas de controle social e autocontrole desenvolvidos no século XIX. Neste processo social, as pressões para o desenvolvimento de um tipo de personalidade de “terceira-natureza”, com capacidade de descontrolar controladamente os controles emocionais, se iniciaram.*

Palavras-chave: tecnologia, amor e sexo, avanços tecnológicos e costumes.

1. Introdução

Processos técnicos e inovações caracterizam um grau elevado de controle humano sobre processos extra-humanos e processos “da vida”; alguns exercendo enorme influência em processos

¹ No original “lust-balance” - traduções mais literais para a palavra *lust* incluem os termos lascívia; concupiscência e luxúria (segundo a doutrina cristã, um dos sete pecados capitais). Devido a seu uso moralizante, principalmente pelo cristianismo, estas palavras carregam uma conotação de impureza, de impudicícia, de comportamento anormal e exagerado ou desejo indevido. Etimologicamente, a palavra deriva da língua germânica, e quer dizer simplesmente “desejo”. Neste caso, o autor usa o termo sem sua bagagem moralizante, ou seja, no sentido de desejo sensual ou carnal que pode ou não co-existir com o amor: em um extremo, o sexo sem amor, somente pela satisfação carnal, em outro extremo, o amor desprovido de desejo sexual. O autor dá o nome de lust-balance às possibilidades entre um extremo e outro, ou ainda de combinação entre os dois extremos – o “amor sexualizado” ou o “sexo erotizado” (no sentido de sexo com desejo amoroso).

sociais e psíquicos. A inovação técnica de controle e uso do fogo (primeiro diretamente e mais tarde indiretamente através de motores a vapor ou carros motorizados), tornou grupos e indivíduos menos subordinados às intempéries e aos seus locais de residência, mas a nova necessidade de manutenção de controle sobre estas várias formas de “fogo” tornaram-nos mais dependentes uns dos outros de novas formas. Além disso, carros e inovações técnicas similares fizeram todos os usuários mais dependentes das estradas e da manutenção destas.

Desta maneira, também, muitas inovações técnicas contribuíram para níveis mais elevados de organização e interdependência crescente; provocando processos sociais e psíquicos similares aos que resultaram das inovações sociais, como a criação do Estado e a prática do voto. Em um certo nível, o monopólio do Estado sobre a violência fez com que os cidadãos se tornassem menos dependentes de suas famílias para proteção, mas por outro lado, fez todas as famílias mais dependentes umas das outras através do estado. Como Norbert Elias demonstrou, o processo social de aumento de interdependência entre indivíduos e grupos foi simultâneo às crescentes demandas de auto-regulação, com processos psíquicos tais como: maior consideração com os outros, expansão do conhecimento social, do auto-conhecimento e de identificação com o outro, independentemente de a qual grupo social o outro pertence. Processos psíquicos como estes não são provocados por inovações tecnológicas. Alguns, como por exemplo as drogas medicinais, podem diretamente influenciar processos psíquicos individuais, mas a amplitude e a extensão de tempo de seu impacto são limitadas: elas não provocam processos psíquicos coletivos ou de longo prazo. O enfoque inicial deste trabalho concentra-se nas mudanças nos relacionamentos entre homens e mulheres e sua sexualidade como exemplos de processos sociais e psíquicos, relacionando-os posteriormente com a questão: “O que a tecnologia tem a ver com isso?”.

2. As mudanças de comportamento de acordo aos livros de maneiras

Os exemplos constantes deste texto são retirados diretamente do livro, *Sex and Manners* (2004)², sem tradução para o português. A obra é um estudo comparativo de livros de etiquetas americanos, holandeses, ingleses e alemães; escritos do final do século XIX ao final do século XX; e descreve as mudanças nos códigos de conduta e emoções no que concerne o relacionamento entre homens e mulheres, particularmente nas mudanças nas formas de cortejo, isto é, nas oportunidades e limitações socialmente organizadas para que os jovens encontrem um par do sexo oposto, e nas maneiras ou costumes que se esperam nestas ocasiões. No início do período que esta pesquisa cobre, a última década do século XIX, a situação para as jovens mulheres era mais ou menos a mesma nos textos estudados: estavam sempre sob a supervisão dos pais ou seus representantes - os acompanhantes

² De Cas Wouters. Literalmente, *Sexo e Maneiras*, mas títulos alternativos poderiam ser: *Sexo e Costumes*; *Sexo e Hábitos* ou *Sexo e Etiquetas*.

ou as damas de companhia. As mulheres, ou seja, as que pertenciam aos círculos estabelecidos e também aquelas que queriam a eles pertencer, estavam restritas ao lar e às danças de salão da “boa sociedade” (ou seu equivalente funcional nas escalas sociais mais baixas), isto é, aos círculos de conhecimento social entre pessoas de famílias que pertenciam aos centros do poder – às elites comerciais, políticas, artísticas e/ou intelectuais.

Dentro destas redes hierarquicamente dispostas de famílias que constituíam a “boa” sociedade, eram as mulheres que organizavam os eventos sociais, tais como jantares, visitas e festas (como ainda é, geralmente, o caso), mantendo assim os canais em que as reputações eram feitas ou destruídas. Muito da emancipação feminina do século XX pode ser descrita como o sucesso das mulheres em escapar progressivamente do confinamento ao lar e à boa sociedade. Pelas mudanças nos livros de etiquetas, os desenvolvimentos podem ser observados em ricos detalhes, desde o desaparecimento de algumas regras (como as damas de companhia) até o aparecimento de novas regras para novas situações (como transporte coletivo, dança ou bailes públicos, encontros e local de trabalho). Estas mudanças documentam o modo como as mulheres passaram da esfera privada para o setor público.

Para efetivar as mudanças, as mulheres tiveram que se livrar das damas de companhia; tiveram que se transformar em suas próprias acompanhantes e fazer seus próprios cortejos. Elas também tiveram que ganhar o direito de pagar suas próprias contas, de ganhar dinheiro, de ter um emprego e de ir trabalhar. Outras formas de escapar ao lar foram participar em esportes e sair dançar. De fato, na década de 1920, os salões públicos de dança eram lugares de grande alvoroço graças à “novidade” dos passos eróticos de música “selvagem”, além da falta de controle dos pais nestes lugares, onde os jovens podiam encontrar pares e se segurar e tocar durante a dança. As mudanças nas regras sobre acompanhantes e cortejo coincidiram com a emancipação sexual, que por sua vez dependeu da emancipação feminina, isto é, das mulheres tornarem-se mais iguais ao homem eroticamente e sexualmente, deixando de ser principalmente objetos sexuais para se transformar em sujeitos sexuais mais igualitariamente. Esta mudança implicou num aumento de presença de espírito erótica e sexual, em maior latitude na atividade sexual, e em uma propagação (ou consciência) dos aspectos eróticos e sexuais dos relacionamentos.

Do final do século XIX em diante, as mudanças nas práticas de cortejo e nos relacionamentos entre adolescentes e pais, assim como entre moças jovens e homens, provocaram muitas perguntas e discussões. O acesso cada vez mais aberto ao sexo oposto e o contato mais fácil e mais camarada entre os sexos coincidiram com discussões e lamentos sobre o declínio de cortesia para com a mulher e o declínio da poesia e romance nos relacionamentos de cortejo; sobre a prática de beijar impensadamente e promiscuamente; sobre garotas doidivas para as quais correr risco é um trunfo e um ideal; sobre a exposição pública da nudez e o apelo sexual da roupa; e sobre a tendência de divulgar os “segredos” ou “fatos da vida”, uma tendência que, acredita-se, levou a mulher a perder sua inocência e pureza.

As questões sobre em que lugares é aceitável que mulheres e homens se conheçam (danças residenciais ou particulares, clubes, riques de patinação) e onde não é (apartamento de um celibatário) mais ou menos se desvaneceram nos anos 1960 e 1970, quando o “aceitável” passou a incluir a rua. Discussões sobre a necessidade de ser (apropriadamente) apresentado terminaram com a aceitação de que as pessoas simplesmente se apresentam a si mesmas. Questões sobre as maneiras apropriadas de se conhecer mudaram de foco – de como evitar avanços indesejados a um foco mais abrangente, incluindo questões sobre como convidar e responder aos avanços bem-vindos. As transições mostram mudanças de costumes que misturam o tradicional “tirar para dançar” dos bailes de salão com os costumes praticados em empresas e escritórios. Mostram também uma mistura de costumes para situações públicas e situações privadas, e um declínio na autoridade dos pais sobre os filhos. No estudo feito, estas mudanças foram colocadas em ordem interpretando-as como mudanças de conduta nos relacionamentos envolvendo dois tipos de desejos: o desejo ou anseio por gratificação sexual e o anseio por intimidade duradoura.

Este equilíbrio entre amor e sexo é conceitualizado como o “equilíbrio da sensualidade”. Durante o século XIX, a corrente principal de mudança social foi no sentido de uma idealização do amor, que implicou numa sexualidade dominada pelo desejo para os homens e num amor complementar (romântico) ou sexualidade dominada pelo relacionamento, para a mulher. Frases como “o amor espiritual de uma mulher refinará e acalmará o amor mais sensual de um homem” tipificam os ideais Vitorianos do amor, que era tão apaixonado quanto era exaltado e dessexualizado: com uma sexualidade algo despersonalizada, como um inconveniente “escoadouro” para o homem e seus “hormônios devastadores” e sensualidade “selvagem” por detrás das cenas da vida social.

Este ideal do amor como sentimento intenso espelhou a tendência Vitoriana de controlar o lugar do sexo no casamento, mas implicou numa “dessexualização do amor e deserotização do sexo” (Seidman, 1991: 7). Implicou também em que ato sexual fosse progressivamente definido como “direito dele” e “dever marital” dela.

A partir de 1890, estes processos aparentemente entraram em engrenagem reversa: ocorrendo então a “sexualização do amor” e a “erotização do sexo”. Através do século XX, mais aceleradamente nas décadas de 20, 60 e 70, os manuais vitorianos sobre como integrar o anseio de gratificação sexual e o anseio de intimidade duradoura desvaneceram-se, mas não foi até o surto de informalização dos anos 60 e 70 que desapareceram completamente. Durante estas décadas, os velhos “manuais do casamento” tornaram-se suspeitos ou desesperadamente obsoletos, principalmente porque meramente reconheciam o amor sensual e os desejos carnis das mulheres, se os reconhecessem.

Somente depois da revolução sexual as próprias mulheres têm tomado parte ativa nas discussões públicas sobre seus desejos carnis e a realização de equilíbrio da sensualidade no amor e no sexo. Desde então, grupos cada vez maiores de pessoas têm experimentado com os extremos do

amor desexualizado (com o desejo sexual subordinado à continuidade de um relacionamento) e o contato sexual despersonalizado, provocando novas e mais variadas respostas a perguntas sobre o que pode ser chamada a questão de equilíbrio da sensualidade, ou equilíbrio entre amor e sexo: quando ou dentro de que tipos de relacionamento(s) (que tipos de) erotismo e sexualidade são permitidos e desejados?

Esta questão é levantada primeiramente na puberdade ou adolescência, quando os impulsos eróticos e físicos e as emoções que estiveram proibidas nas interações desde cedo na infância (exceto em casos de incesto) são novamente explorados e experimentados. A necessidade original de contato físico de crianças pequenas e suas subseqüentes explorações francas e espontâneas parecerem cessar e restringir serem quando e onde adultos começam a entendê-las como seres sexuais. Sexualidade e corporalidade são então separadas de outras formas de contato. Na puberdade e adolescência, o tabu do toque e do contato físico precisa ser gradualmente destruído, o que para a maioria das pessoas é um processo de experimentação e erro. No século XX, especialmente desde os anos 60, um processo similar de experimentação e erro tem acontecido coletivamente.

Nos anos 60, o sexo por puro sexo ou sexo livre passou a ser discutido em todos os países ocidentais. Em conseqüência, a questão do equilíbrio da sensualidade, ou equilíbrio entre amor e sexo, passou a aparecer na agenda pública. Além disso, ambos os sexos vieram a participar em discussões públicas das questões sobre este equilíbrio. Agora, as mudanças no equilíbrio de poder entre as gerações e entre os sexos são refletidas em mudanças nas definições e praticas no equilíbrio da sensualidade no amor e no sexo. A regra normalmente aceita a respeito do ritmo de aproximação e de demonstração de interesse foi acelerado, de três encontros antes que se sugerisse um local para jantar, seguido de três encontros antes do beijo e três encontros “com beijos” para a intimidade instantânea dos encontros de uma noite. A masturbação perdeu sua conotação negativa.

Estas mudanças coincidiram com crescentes tensões entre os dois tipos de anseios ou desejos que perfazem o equilíbrio da sensualidade. Tópicos e práticas tais como sexo pré-marital, variações sexuais, co-habitação entre solteiros, fornicação, casos extra-maritais, ciúmes, homossexualidade, pornografia, sexo na adolescência, aborto, troca de parceiros, pedofilia e incesto são todos partes de um processo mais abrangente de informalização, e implicam em repetidos confrontos com o equilíbrio amor-sexo tradicional. Estas tendências desaceleraram nos anos 1980, quando o coro das vozes expressando ideais de um equilíbrio com mais sexo perdeu fervor, enquanto aqueles que defendem um equilíbrio mais tradicional e atacam a “permissividade excessiva” tornaram-se ouvidos novamente.

No todo, entretanto, estas confrontações repetidas acompanharam e reforçaram a tendência para uma emancipação coletiva da sexualidade, isto é, uma diminuição coletiva do medo da sexualidade e suas expressões dentro de relacionamentos cada vez menos rigidamente cerceados. Impulsos sexuais e

emoções foram permitidos (outra vez) no centro da personalidade – consciente - e assim levados em consideração, acompanhados ou não de ação.

O processo de emancipação da sexualidade foi acompanhado de um processo de emancipação feminina, que por sua vez é expressado no crescente estabelecimento de firmes princípios de consentimento – aonde o não tem prioridade – e atração mútuos. Examinando os desenvolvimentos do século XX, as mulheres passaram a se sentir mais interessadas em sexo, a permitir maiores incentivos sexuais com maior facilidade e aprenderam a discutir estas questões de modo mais livre, enquanto os homens têm aprendido a integrar a satisfação no relacionamento com a gratificação sexual.

As buscas por formas aceitáveis de encontrar intimidade ou manter distância, tanto para homens como para mulheres, é um tema claro em discussões sobre assuntos como assédio sexual, pornografia, e estupro no casamento e em encontros. Precisamente por causa da sensibilidade e do cuidado necessário pra prosseguir de uma ou outra maneira, a consciência erótica e sexual e as tensões se expandiram e intensificaram, estimulando uma maior sexualização do amor e uma erotização do sexo.

Esta busca de equilíbrio satisfatório e excitante, evitando os extremos do emocional selvagem e do emocional adormecido, aumentou a demanda na gestão das emoções e também estimulou o surgimento de sentimentos ambivalentes. Assim, as maiores demandas na administração das emoções terão intensificado tanto o desejo de relacionamentos românticos (caracterizados por maior intimidade), como o desejo de relações sexuais mais fáceis (nas quais a pressão destas demandas estejam ausentes ou sejam negligenciáveis, como é o caso do sexo de uma noite).

Esta ambivalência envolvendo os dois desejos que perfazem o equilíbrio da sensualidade no amor e no sexo tem coincidido com uma gestão das emoções como fonte de poder, respeito e auto-respeito - mais consciente (reflexiva) e calculada (flexível). Estes processos sociais e psíquicos podem ser claramente interpretados como processos de decrescente segregação dos sexos (e classes) e de uma crescente integração. Nestes processos, as cadeias de interdependências se expandiram e tornaram-se mais densas. Estas considerações nos trazem à pergunta inicial: “o que a tecnologia tem a ver com isso?”.

3. Tecnologia, amor e sexo

Estas mudanças dificilmente poderiam ser concebidas sem carros, aviões e outras inovações e implementações. E o impacto das mudanças tecnológicas no desenvolvimento do equilíbrio entre amor e sexo? Primeiramente, deixem-me argumentar contra a visão dominante de que a pílula foi uma inovação técnica que causou uma revolução social, ou a revolução sexual, pois vista de uma perspectiva de longo prazo, as mudanças mais significantes na sexualidade já haviam ocorrido nas gerações que viveram antes daquela revolução. Isto pode ser deduzido das tendências que se

demonstraram na pesquisa holandesa, a qual mostrou que os jovens nascidos no começo do século XX postergavam o primeiro contato sexual, em média, até 10 anos depois da maturidade sexual. A geração de 1935 esperava 7 anos, um declínio médio de 10 meses por a cada 10 anos. Esta tendência decrescente continuou, e a geração de 1970 esperava 5 anos – um declínio de 7 meses a cada dez anos. Aparentemente, este declínio foi mais lento do que os constatados nas gerações antes da Segunda Guerra Mundial. Ainda que a “pílula” tenha, naturalmente, permitido uma maior e mais variada sexualidade e maior tranquilidade na busca de satisfação sexual, esta descoberta parece indicar que a Revolução Sexual foi mais revolucionária em termos de maior abertura sexual do que em termos de certos comportamentos cruciais como o primeiro encontro sexual.

Esta tendência gradual de aumento de sexo pré-marital através do século XX foi uma parte importante no processo mais geral de informalização, assim como no século XIX a tendência de aumento do controle do sexo no casamento foi parte de um processo maior de formalização. No século XIX, o aumento de controle sobre os impulsos sexuais e as emoções, parte de um arrocho total nas auto-coibições, foi conseguido em grande extensão através da ênfase em sua necessidade social, psíquica e higiênica.

Imprimir coibições mais rígidas e mais detalhadas foi possível, por exemplo, enfatizando-se os sérios perigos morais e para a saúde que a masturbação podia acarretar. Esta negociação com o medo teria estimulado a ascensão de rígidos contra-impulsos de segunda natureza sobre os impulsos sexuais de primeira-natureza. Era um contexto social em que as mudanças tecnológicas foram interpretadas geralmente como contendo pressões inerentes que forçavam códigos mais rígidos e mais detalhados de comportamento e sentimento.

Ainda em 1911, as novas leis morais da Holanda fundamentalista cristã eram defendidas como sendo necessárias às novidades técnicas. Naquela época, as novidades consistiam em bicicletas e telefones, e ambos eram temidos por pais e outras autoridades por permitirem que os jovens pudessem arranjar seus encontros além de seus controles. Na tentativa de contra-arrestar os efeitos destas inovações, as autoridades da cidade de Rotterdam, por exemplo, colocaram placas nos locais por onde passavam as ciclovias, proibindo os casais de sentarem-se em lugares agradáveis à beira dos rios.

As invenções tecnológicas do final do século XX (como a Internet) eram (e são) geralmente interpretadas como passíveis de conter pressões no sentido oposto. O medo de que os jovens abusem das novas oportunidades ou sejam abusados por outros, está claramente presente, mas já não é uma maioria de pais e outras autoridades que acreditam ser sábio ou mesmo possível oporem-se a estes perigos exigindo códigos e controles mais rígidos. Na maioria dos países ocidentais, os pais se dão conta de que a Internet oferece uma nova oportunidade para que os jovens escapem ao controle paterno e materno, mas ao invés de reprimir, buscam estimular e incentivar as capacidades de autocondução ou auto-orientação em seus filhos. Nesta maneira, aumenta a tendência de que estas capacidades se

tornem menos dependentes em controles sociais externos diretos e mais dependentes no desenvolvimento de controles internos.

Durante todo o século XX, o aumento na demanda de capacidade de auto-regulamentação, isto é, na administração das emoções e da consciência, coincidiu com a ascensão de formas mais flexíveis e mais reflexivas de autocontrole e auto-regulamentação. As formas estritas e rígidas de controle social e de autocontrole que se desenvolveram no século XIX se afrouxaram durante o século XX; houve um descontrole controlado dos controles emocionais, uma mudança da formalização para a informalização, do consciente à conscientização. A introdução dos termos ' "terceira-natureza" e "personalidade de terceira-natureza" ilustram estas mudanças (1998). O termo "segunda natureza" refere-se a uma auto-regulação consciente que normalmente funciona automaticamente. O termo "terceira natureza" refere-se ao desenvolvimento de uma auto-regulação mais reflexiva e flexível. Idealmente, para alguém operando com base na terceira natureza, torna-se "natural" sintonizar-se às trações e impulsos de primeira e segunda natureza, assim como aos perigos e as possibilidades, a curto e longo prazo, de qualquer situação ou relacionamento.

O exame destes processos sugere que a relação entre inovações tecnológicas e processos sociais e psíquicos é complexo e certamente não linear. Tanto os processos sociais como os tecnológicos contribuíram para a expansão e a densidade crescente das redes da interdependência e exerceram pressão para níveis mais elevados de integração. Muitos destes processos resultaram de atividades de indivíduos e grupos que visavam conseguir exatamente o oposto: maior independência dos outros e das forças da "natureza". Até o ponto em que estas atividades foram bem sucedidas e trouxeram maior segurança e física e material, indivíduos e grupos envolvidos tornaram-se menos *diretamente* dependentes destas forças e entre eles, mas *indiretamente*, em níveis mais elevados de integração e organização, todos se tornaram mais interdependentes. Foi neste processo social que as pressões para o desenvolvimento de um tipo de personalidade de terceira-natureza, com capacidade de descontrolar controladamente os controles emocionais, se iniciaram. Houve uma necessidade crescente de desenvolvimento de maior flexibilidade e reflexibilidade.

Como o exemplo da emancipação sexual antes da inovação da "pílula" demonstra, estes processos psíquicos tiveram alguma autonomia em relação aos processos tecnológicos, pois foi com base nesta capacidade psíquica (socialmente condicionada) que durante toda a primeira metade do século XX, jovens sexualmente maduros puderam entregar-se cada vez mais cedo a seus desejos de gratificação sexual, sem perder o controle necessário para impedir a gravidez não desejada. Assim, a capacidade para o descontrole controlado permitiu também que os indivíduos se comportassem com certo grau de autonomia com relação aos controles sociais sobre o sexo pré-marital e que discretamente violassem a prevalecente moralidade pública que restringia a gratificação sexual aos casados.

Estes exemplos podem servir para ilustrar que a questão do impacto das mudanças técnicas sobre os acontecimentos relativos ao equilíbrio amor-sexo no século XX demandam maiores investigações das mutantes interconexões entre três tipos de controle: 1) controles sobre as forças da “natureza” e dos processos da “vida”; 2) controles sobre processos sociais; e 3) controles dos indivíduos sobre eles próprios: processos psíquicos.

Abstract

This article summarizes the writings of Cas Wouters, from the book *Sex and Manners* (2004), a comparative study of changes in American, Dutch, English and German manners books from the end of the nineteenth century to the end of the twentieth century. The author describes changes in the relationships between men and women, focusing on changes in courting regimes, in the context of an increasing feminine emancipation in the twentieth century. From the disappearance of old rules and the appearance of new ones, the text registers how women made the transition from the private sphere into the public sector, and how these changes implied in an increased erotic and sexual conscience, involving two types of longing, the longing for sexual gratification and the longing for enduring intimacy. This balance of sex and love, conceptualized as the ‘lust-balance’, went from the extremes of a “desexualization” of love to the “depersonalisation” of sex, in a process of trial and error that permeated the twentieth century. These changes could hardly be conceived without innovations and technological implementations: the pill, changes in means of transportation and communication technologies (from the telephone to the InterNet) – which created new situations and exerted pressures requiring new rules of behavior and feeling, forcing a decontrolling, throughout the XX, of the strict forms of social and self-control so established in the nineteenth century. In this social process, the pressures towards the development of a third-nature type of personality, with a capacity for controlled decontrolling of emotional controls, have risen.

Key words: technology and the lust balance; technology advancements and manners; love, sex and technology.

Referências

SEIDMAN, S. **Romantic Longings. Love in America, 1830-1980**. New York and London: Routledge, 1999.

VLIET, R. De opkomst van het seksueel moratorium, in Gert Hekma, Bram van Stolk et al. **Het verlies van de onschuld**, Amsterdam/Groningen, AST/Wolters-Noordhoff, 1990.

WOUTERS, C. How Strange to Ourselves Are our Feelings of Superiority and Inferiority. **Theory, Culture & Society**, n.15: 131-50, 1998.

WOUTERS, C. **Sex and Manners. Female Emancipation in the West since 1890**. London: Sage, 2004.

Nome completo: Cas Wouters, Phd.

Filiação institucional: Utrecht University, Holanda.

Função ou cargo ocupado: Professor e pesquisador.

Endereço completo para correspondência: Hogeweg 8, 1098 CB Amsterdã, Holanda.

Telefones para contato: 00(xx) 31 20 6655294.

e-mail: c.wouters@fss.uu.nl

Recebido para publicação em: 02/06/06

Aceito para publicação em: 04/08/06